



PREFEITURA MUNICIPAL DE BOCAINA DE MINAS
ESTADO DE MINAS GERAIS
CNPJ N. ° 18.194.076/0001-60

LEI Nº 1.232 de 02 de Dezembro 2021

“Dispõe sobre denominação de Logradouro Público no povoado de Maringá – Bocaina de Minas, Estado de Minas Gerais.”

A Câmara Municipal de Bocaina de Minas – Minas Gerais, aprova e eu, Prefeito Municipal sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - A presente Lei é norma de ordem pública, que tem por finalidade regulamentar a identificação e nomenclatura de logradouro “Rua” no povoado de Maringá em Bocaina de Minas, Estado de Minas Gerais conhecida popularmente como “Alameda Gastronômica”.

Art. 2º - Trata-se de promover a identidade local, memória, história e cultura do povoado de Maringá, homenagear e delimitar o logradouro público conhecido como “Alameda Gastronômica”;

I – homenagear pessoa tenha comprovadamente prestado serviços relevantes ao Município, ou ao Estado, ou ao País e ou à Humanidade, nos diversos campos do conhecimento humano;

II – registrar e identificar a história do surgimento do povoado de Maringá e sua colonização;

*Rua Capitão João Mariano Dias. Nº 86, Centro – Bocaina de Minas – MG - CEP:
37.340-000*

Tel.: (32) 32941160 – fax – (32) 3294-1497



PREFEITURA MUNICIPAL DE BOCAINA DE MINAS
ESTADO DE MINAS GERAIS
CNPJ N. ° 18.194.076/0001-60

III – que não haja outra via, próprio ou logradouro público a que já tenha sido atribuído o nome da pessoa a quem se pretende homenagear.

Art. 3º - Anexo ao Projeto de Lei, mapa da via pública com 2.100 (dois mil e cem metros) e identificação de propriedades, histórico completo sobre a vida da homenageada, onde constam informações sobre seus dados biográficos e a contribuição oferecida à sociedade através de relatório.

Art. 4º - Fica denominada o logradouro público (conhecido popularmente como "Alameda Gastronômica") como **Rua "Alameda Gastronômica Tia Sofia"** no povoado de Maringá, em Bocaina de Minas, Estado de Minas Gerais, em homenagem a **Sophie Buhler** reconhecida popularmente como "Tia Sofia".

P

Art. 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando se as disposições em contrário.

Município de Bocaina de Minas, 02 de Dezembro de 2021.

Luzimar de Moura Benfica
Prefeito Municipal
CPF: 425.448.666-91

LUZIMAR DE MOURA BENFICA

Prefeito Municipal de Bocaina de Minas

Rua Capitão João Mariano Dias. Nº 86, Centro – Bocaina de Minas – MG - CEP:
37.340-000

Tel.: (32) 32941160 – fax – (32) 3294-1497

"ALAMEDA GASTRONÔMICA TIA SOFIA" EM MARINGÁ MINAS GERAIS

Homenagem a SOPHIE BUHLER

1. Apresentação

O Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural - COMPAC e o Setor Municipal de Patrimônio Cultural – SEMPAC de Bocaina de Minas, por solicitação dos seus conselheiros, realizou o trabalho de levantamento histórico-cultural para estruturação/dimensionamento e nomenclatura formal da então popularmente conhecida "Alameda Gastronômica". O intuito é que através de proposta de projeto de lei a referida "Alameda Gastronômica" tenha a formalização de sua identidade para "Alameda Gastronômica Tia Sofia" em homenagem a Sophie Buhler uma das pioneiras das atividades turística e ilustre moradora no povoado de Maringá em Bocaina de Minas, Minas Gerais.

Este trabalho iniciou em quatro de maio de dois mil e vinte um com a proposta do levantamento histórico. Em trinta de agosto de dois mil e vinte uma foi organizado e realizada uma reunião com palestra sobre a identidade, memória e história na "Alameda Gastronômica" em Maringá/MG. Durante esta ação foi montado um grupo de trabalho para podermos realizar o levantamento histórico da identidade e memória coletiva do povoado e conseqüentemente da alameda.

O objetivo do levantamento histórico-cultural é trazer aos indivíduos a compreensão que a memória individual está relacionada a estabelecer o processo de memória coletiva e ao que ela se refere, ou seja, ao interesse de todos. *"Quando há uma lembrança que foi vivida por uma pessoa – ou repassada para ela – e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade."*

Levando em consideração este objetivo o grupo de trabalho se reuniu em treze de setembro de dois mil e vinte um no Café Maringá na Alameda Gastronômica em Maringá para coleta de documento, fotografias, reportagens, livros e em busca da oralidade para registrar o histórico que embasa a escolha de um nome que retrate a origem, identidade e memória do povoado e da referida alameda.

Este trabalho busca proporcionar à Câmara Municipal de Vereadores de Bocaina de Minas embasamento histórico para tomada de decisão e consolidação da identidade

da Alameda Gastronômica do povoado de Maringá em Bocaina de Minas, Estado de Minas Gerais e homenagear Sophie Bühler, conhecida como "Tia Sofia" descendente da família alemã de colonizadores e empreendedores do turismo na região.

2. Histórico da Ocupação Colonial Imigrante e Primeiras Pousadas.

A imigração dos séculos XIX para o XX conhecida como a "Grande Imigração" trouxe a região até então conhecida como o "Vale do Café com Leite" compreendida em plena Serra da Mantiqueira, entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, encravada no Vale do Rio Preto próximo de Itatiaia e do Pico das Agulhas Negras famílias de imigrantes. Diversos foram os países de origem dos colonos que em sua maioria eram de descendência europeia: suíços, alemães, austríacos, portugueses, espanhóis, russos, poloneses, franceses, italianos, húngaros que pretendia, com seu trabalho e de suas famílias, tornarem-se uma espécie de camponeses no Brasil.

A imigração ocasionou a colonização dos imigrantes na região em especial entre os anos de 1908 a 1925. A presença e colonização dos alemães no então chamado "Núcleo Mauá" de 1909 tendem a predominar após 1910 com a fixação definitiva com as famílias Bühler, Büttner e Frech.

"Os Bühler, os Frech e os Büttner vieram para o "Núcleo Mauá" numa mesma leva de famílias alemãs chegadas em 1913, vindas ainda com patrocínio do Governo brasileiro. Os Bühler e os Büttner localizaram-se na antiga área do Taquaral (atual Maringá) e os Frech, depois de passagem por um lote rural instalaram-se na sede do núcleo (atual Vila de Mauá). ... A pequena agricultura tentada por estes colonos foi insuficiente para mantê-los. As dificuldades eram tantas que em muitas vezes o pinhão (somente da araucária) era o principal alimento desses colonos, que tinham de apelar constantemente para a troca de objetos trazidos da Europa para conseguirem algum dinheiro brasileiro."

Diante das dificuldades e da falta de apoio oficial do Governo brasileiro os imigrantes iniciaram uma nova atividade apoderando-se do clima, da natureza, das montanhas e as belas paisagens para se dedicarem ao *veraneio*. Em 1922, os Bühler e os Büttner recebiam os primeiros turistas em suas próprias casas. Entre 1925 e 1930 foram

construídas as primeiras pousadas e, *a partir daí, tornou-se um hábito veranear ... pelo menos para pequenos grupos vindos do Rio de Janeiro e também diretamente da Alemanha.*

O histórico da colonização do "Núcleo Mauá" objetiva trazer informações sobre a identidade e memória dos primórdios da ocupação e expansão do povoado rural de Maringá em Bocaina de Minas e registrar a importância da memória coletiva e da identidade local.

3. Histórico de Sophie Buhler conhecida como "Tia Sofia"

Sophie Buhler, filha caçula de imigrantes alemães colonizadores, sendo seu pai Chriystoph Buhler e sua mãe Marie Buhler. Nascida em as margens do Rio Preto na comunidade rural Taquaral, hoje conhecida como povoado do Maringá em Bocaina de Minas, Estado de Minas Gerais, em dois de setembro de 1919. Seus irmãos, também imigrantes alemães, são Robert, Willi, Otto e Maria Buhler.

Contraiu matrimônio com Oscar Benedito dos Santos em quatorze de junho de 1952 natural de Liberdade / Minas Gerais. Do matrimônio nasceu seu único filho José Lourival dos Santos (conhecido como Juquinha).

Sophie Buhler era conhecida popularmente como "Tia Sofia" sendo sua família proprietária umas das primeiras pensões do povoado Buhler de Maringá. Mais tarde Tia Sofia abriu uma pensão independente da família chamada Repouso Maringá. O turismo em Maringá era de hospedagem de amigos e familiares que viam da Alemanha

Tia Sopia era uma mulher empreendedora era líder da comunidade, abraçava as pessoas, animais. Sua personalidade era forte determinada, isenta de preconceito, uma alma rara e nobre. Conforme Celina Whately *"ao contrário das pessoas, que em geral, "douram a pílula" e romantizam o passado Sofia foi bastante dura, irreverente e sem papas na língua, como era seu feitio foi logo declarando: Não me lembro de nada de bom na minha infância e nem depois, só trabalho."*

A hospedagem na residência da família Buhler iniciou em 1923 pois a Escola Alemã do Rio de Janeiro mandou os primeiros hóspedes que receberam em sua residência. Sophie conta que tinha que dormir no paiol e seus pais davam seus quartos aos alemães que vinha de Resende a cavalo, com crianças nos balaios com travesseiros. Os hóspedes alemães eram muito exigentes, tinham mania de limpeza e a Sophie vivia

esfregando o chão. Continua falando que Maria sua irmã conversava com os hóspedes. *"Eu preferia ficar na cozinha. Servir a mesa era aborrecimento. Eu gostava de criação, de tirar leite, andar a cavalo, ir buscar queijo na fábrica. Eu fui a escola e aprendi a ler e escrever. O resto aprendi com os hospedes mesmo. Eles ficavam de dois a três meses...."*

Shopie Buhler em entrevista relatou que no início não havia energia elétrica, era tudo lamparina, portanto arrumavam os quartos, faziam tudo e ainda cuidavam da horta. Há relatos que certa vez seu cavalo foi soterrado por um barranco que caiu na Grota da Onça e muitos da comunidade foram ajudá-la a retirar o animal quando a mesma viu o estado de sofrimento do animal, "Tia Sofia" o sacrificou, como um ato de amor e humanidade.

Sobre as dificuldades da vida "Tia Sofia" conta que muita gente morreu por falta de recursos e dificuldade de acesso entre as residências e a cidade de Resende/RJ e de Bocaina de Minas/MG pois havia uma demora de aproximadamente três dias até o médico chegar. *"Quando somos jovens, tudo é mais fácil, mas não quero me lembrar deste tempo. O passado, para mim, não existe mesmo."*

Sobre o segredo da juventude "Tia Sofia" disse que não envelhece e está sempre no meio da juventude. Afirmou que como sua pousada era simples e não cobrava caro, toda a juventude ia para lá se hospedar, por isso julgava não ficar velha de espírito. Em entrevista ao jornal Folha da Serra de Mauá "Tia Sofia" disse – *"Quando este jornal chega, ... todo mundo vai ler e falar: Hum! Aquela velha tem 72 anos? Muita gente me pergunta se tem 80 anos. Isto não importa. Se tivesse, estaria feliz do mesmo jeito, porque teria chegado aos 80 com esta energia que tenho. Se chegar nesta idade estaria feliz."*

Quanto ao progresso "Tia Sofia" uma das moradoras mais antigas da época dizia não se preocupar com o mesmo. *"Acho que é bom para a região, apesar de ter gente que não está vendo isto com bons olhos. Tem gente que é contra, mas, o progresso é bom, porque dá para todo mundo viver melhor."*

Em dez dezembro de 1993 recebeu o título de cidadã honoraria de Bocaina de Minas no Estado de Minas Gerais. Em vinte e nove de maio de 1995 recebeu o título de cidadã Itatiaense da cidade de Itatiaia no Estado do Rio de Janeiro. Ainda em entrevista ao Jornal Folha da Serra Sophie Buhler que foi uma mulher única, que amava sua região e a juventude deixou um conselho para nós: é para que trabalhemos.

4. "Alameda Gastronômica"

Na década de 1920 e 1930 Maringá Bocaina de Minas, Minas Gerais, teve o turismo iniciado pelas famílias alemãs sendo a hospedagem principal atividade turística local. Eram pensões, campings no fundo do quintal das residências, e ou moradores alugavam suas residências para receber os turistas e começaram a vim de várias localidades em especial do Rio de Janeiro e São Paulo.

Conforme relatos de Edite Moino na década de 1970 houve dois movimentos fortes que vieram para região sendo: Alternativo e Rips. O movimento Alternativo era composto de casais que queriam sair da cidade para localidades rurais e adquiriam propriedades para morar e abrir comércios; o outro movimento Rip apregoavam paz e amor e decidiram se instalar em Maringá.

Nas décadas de 1980 e 1990 o turismo em Maringá de Bocaina de Minas recebiam turista, amigos e familiares com pensão completa, não havia restaurantes. A partir dos anos 2000 o turismo foi se instalando com uma visão mais holística, ou seja, empresários, pequenos empresários, ex-funcionários de pensões, aposentados entres outros que fizeram investimentos em hospedagem com lareira, televisão, hidromassagem etc., e outros, realização iniciaram empreendimentos como lojas de artesanato, cafés, bistrô, restaurantes e o turista foi tomando forma mais robusta financeiramente.

A culinária/gastronomia foi se tornando conhecida a partir dos concursos de pinhão. Os donos de restaurantes recebiam minicursos com Chefes de Cozinha através de oficinas para colaborar com receitas de pinhão. Os organizadores dos concursos convidavam chefes famosos para julgar os melhores pratos e os ganhadores tinham como prêmio estágio em restaurantes renomados do país.

Os restaurantes foram se gourmetzando, e novas gerações buscaram mais conhecimentos através de ensino especializado e trouxe para "Alameda Gastronômica Tia Sofia" pratos mais apresentados e sofisticados. A partir da especialização dos proprietários e profissionais os restaurantes foram vocacionando seus ramos de atividade gastronômica com apoio da rede hoteleira e comércio em geral.

Norma Elena Buhler falou que atualmente Maringá recebe turista de todas as etnias, classe econômica e de diferentes pensamentos e a maioria dos empresários da Alameda Gastronômica dos filhos da terra.

Em 2004 Rodrigo Bitencourt Mocellin e Mauro Antônio da Costa em conversa informal e, dar uma identidade ao local com a intenção de aumentar o fluxo turístico, chegaram ao consenso de nomear o local de alimentação de “Alameda Gastronômica”.

Para colaborar e abraçar a ideia convidaram a jornalista Rosely do Jornal Folha da Serra para realizar uma propaganda/marketing com o nome “Alameda Gastronômica” no referido Jornal em permuta de almoço com o empresário Rodrigo e jantar com o empresário Mauro a fim de alavancar o nome.

Quando do crescimento e abertura de novos restaurantes Rodrigo e Mauro faziam uma sensibilização individual para que nas propagandas dos restaurantes fosse divulgado com o nome “Alameda Gastronômica”. Com o passar dos anos o nome “Alameda Gastronômica” foi aderido pelos proprietários de restaurantes, lojas, padarias, artesanato etc.

Em 2008 percebeu-se a necessidade de homenagear a “Alameda Gastronômica” de Maringá, Bocaina de Minas, Minas Gerais, com um nome que se representa a identidade e os primórdios do turismo no local.

Havia dois grupos, um que apoiava o nome “Alameda Gastronômica” e outro grupo desejava identificar o local com um nome histórico e homenagear uma das pioneiras no turismo em Maringá “Tia Sopia” em homenagem a Sophie Buhler.

Houve várias sugestões de nomes, entretanto, os empresários do local decidiram fazer uma reunião (entre os que estavam legalizados com alvará), para decidirem a homenagem. A reunião foi polêmica e disputada e durante a votação o nome que ganhou foi “Alameda Gastronômica”. Apesar da votação a discussão sobre a homenagem continuou e no final da reunião houve um consenso em aceitar juntar os nomes “Alameda Gastronômica Tia Sofia” em homenagem a Sophie Buhler.

5. Conclusão

Nomear a “Alameda Gastronomia Tia Sofia” em homenagem a Sophie Buhler é uma forma de identificação cultural do povoado de Maringá em Bocaina de Minas/MG. Como abordado acima o nome sugerido pelos cidadãos do povoado de Maringá tem um

significado simbólico, cultural e que retrata a história, memória e identidade da “Alameda Gastronômica” com consenso social em homenagem a “Tia Sofia”

É ainda uma forma de situar logradouros públicos utilizadas pelo poder público para facilitar a localização de empresas e pessoas em geral. Sem o nome do local seria muito complicado encontrar ou mesmo se locomover. Nomear oficialmente rua/alamedas/praças/avenidas, etc., é muito importante para todas as pessoas que lá residem e fica mais simples esclarecer a localização para moradores e turistas.

6. Bibliografia:

2001 - Imigrantes em Resende, Visconde de Mauá, 1908 – 1916, O Núcleo Colonial de Visconde de Mauá, Hotel Buhler, págs. 11, 46 e 47;

Entrevista Oral com Norma Elena Buhler, Rodrigo Bitencourt Mocellin, Mauro Antônio da Costa, Fabio Paiva Pereira, Edite Moino.

Jornal Folha da Serra, data não registrada, pág.4;

Jornal Folha da Serra, coluna de Celina Whately, data não registrada, pág. 7.

BRIO AGULHAS NEGRAS
2.º D. 15.º TR. 1.º
MIA DA CONCEIÇÃO PRIMO BRAGA
Cf. 16 Pag. 1.º e 2.º do Notas
RESENDE Est. do Rio de Janeiro



Maria da Conceição Primo Braga, Setentária Vitalicia, Escrivã Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabela de Notas da Vila de Agulhas Negras, segundo distrito do Município e cidade de Resende Estado do Rio de Janeiro, República Federativa do Brasil por nomeação na forma da lei, etc.

CERTIFICA

em breve relatório, em virtude de lhe ter sido pedido por pessoa interessada de que, revendo em seu poder e cartório o Livro nº _____ B, à folhas _____, sob o número de ordem _____, consta o assentamento de CASAMENTO de _____ e _____, realizado no dia _____ -14- do mês de _____ do ano de mil _____ e _____ -19__-. O contraente é natural de _____, Estado de(o) _____, de profissão _____, com _____ anos de idade, nascido no dia _____ -11- do mês de _____ do ano de mil _____ e _____ -19__-, filho de _____ e de _____ A contraente é natural de _____, Estado de(o) _____, de profissão _____, com _____ anos de idade.

nascida no dia 11 de 1900 do mês de outubro
do ano de mil noventa e nove -1919, filha
de CHARRLES JUNIOR e de
ELLEN JUNIOR. A contraente
após o casamento, passou a usar o nome de ELLEN JUNIOR DOU CANICE

Observações: SEM

O referido é verdade e dou fé.

Aguilhas Negras, 25 de Setembro de 1958



David Lima
O Oficial



Sofia Duller, mãe de imigrantes alemães lembrou sua infância o início do turismo em Mauá

Sempre atarefada, Sofia Buhler sempre mora a lotação de sua pouxada. "Felizmente, todos os finais de semana, tenho hóspedes". O aniversário deste ano não foi celebrado porque não teve jeito. Como o Oscar, seu marido, falou, o carro estava desmanchado na oficina. "Tivemos que ir à Resende, para comprar algumas peças. Este foi o meu aniversário".

Tia Sofia, como é conhecida na região de Visconde de Mauá, disse que o progresso é sempre bom, porque dá trabalho para muita gente. "Antes, isto aqui era uma pobreza". Ela nasceu em Maringá. Seus pais, imigrantes alemães, vieram em 1913, porque, nesta época, a situação da Alemanha já não estava boa, véspera de estourar a primeira guerra mundial, e também, pela propaganda do governo brasileiro sobre as colônias. Chegaram nesta região cerca de 150 famílias.

— Aqui era tudo dividido em lotes de cinco alqueires, que correspondem a mil metros de fundo e 250 metros de frente. Todos, ao chegarem, recebiam um lote com casa e tinham oito anos para pagar ao governo, em pequenas prestações. Mas, muitas pessoas não conseguiram sobreviver.

— Veja, uma pessoa sai de uma firma. Meu pai, por exemplo, era mecânico, não havia trabalho para ele aqui. Nosso vizinho Buttner era bancário: o que este homem podia fazer em Mauá? Eles tiveram algumas facilidades, porque vieram com algum dinheiro. Mas, não dava para continuar. Eles iam voltar para a Alemanha; quando chegaram no Rio de Janeiro, tinha estourado a guerra e ninguém mais pode ir.

Tempo

Ela disse que existia, mesmo porque os alemães vieram de um país civilizado e, atualmente, ainda se vê isto. "As meninas daqui, por exemplo, são diferentes das meninas da Serra Negra. Hoje, aqui, elas podem conversar e sair. Naquela época não tinha isto. Também não tinha nada".

— A minha vida era igual a delas. Às vezes, ficávamos sem missa durante seis meses e, quando tinha, terminada a missa, todos voltavam para casa. Quando tinha reza no Cruzeiro, era a mesma coisa: a gente ia, rezava o terço, depois, tomávamos café com biscoito e pão.

lhador ganha bem. Se tem uma profissão, melhor ainda.

Cuidados

Ela acha que, em parte, a comunidade está cuidando da região. "Tem gente defendendo o lugar, mas, têm aqueles que acham que estes estão errados. A reportagem do Folha da Serra lhe perguntou o que faria se fosse prefeita de Mauá. Ela respondeu que não faria nada, "porque não tenho instrução. Jamais poderia ser prefeita. Agora, temos pedido ao prefeito de Bocaina de Minas a conservação do pouco de estrada que nós temos. Telefone? Dizem que vai che-

que as pessoas trabalhem do para ter uns poucos canso. Eles não percebem fruto do trabalho".

— Agora, o que acontece com a juventude foi a última estejam tentando com facilidade. No mundo inteiro se fosse fácil, na Europa, não aconteceria o que

— A televisão também muito. As crianças vêem tudo. Até os crimes, os crimes na televisão.

Liberdade



Ann Maria Buhler (sentada) e seus filhos Eliete Babat, Will, Ana, Sofia e Maria

Tia Sofia contou que o governo brasileiro prometeu auxílio, no primeiro ano, mas, como houve troca de governantes, a ajuda não veio e todo mundo passou fome e miséria. "Não se pode plantar e logo comer. Tem que esperar crescer para colher e vender alguma coisa. Mãe trocava as roupas dos filhos por alôboas, com os caboccos, para poder sobreviver".

Ela e o irmão Otto são brasileiros. Os outros três nasceram na Alemanha. Quando chegaram ao Brasil, Robert tinha 5 anos, Willy estava com 7 e Maria, 2 anos.

Mãe começou a melhorar quando chegaram os primeiros turistas, da Escola Alemã, em 1922. "Os rapazes ficaram na pensão Bühler e as moças na Buttner. Em cada lugar, ficavam dois professores, para tomar conta deles. Dormiam em barracas, porque, naquela época, ainda não tinha quartos. Foi assim que o turismo começou. Os professores continuaram vindo e mandavam outras pessoas".

— Quando eu tinha 28/26 anos, a situação estava bem melhor. Já vinha muito turista para esta região. Mas, antes, era trabalho duro, de manhã à noite. Não tinhamos vizinhos. Havia o Zé Thomaz e o Oscar Morcira, que fizemos amizade, e poquíssimas famílias. Assim mesmo, passávamos, às vezes, um mês sem nos encontrar. Como não existia pontes, na época das chuvas, era impossível ir na casa do Zé Thomaz, porque o rio não dava passagem.

Tia Sofia contou que sua diversão sempre foi no trabalho, como é até hoje. Ia para a roça, desde seis-sete anos, capinar. Estudou apenas durante quatro meses, na escola da vila de Mauá. Ia a pé, atravessando os rios. Quando chovia, não dava para ir a escola. Depois, não deu mais para voltar, porque teve que trabalhar.

Diferença

A reportagem da Folha da Serra perguntou à Tia Sofia se existia diferença entre os alemães e os brasilei-

Dificuldades

Tia Sofia contou que muita gente morreu por falta de recursos. "Meu pai mesmo não precisaria ter morrido aos 43 anos. O médico veio a cavalo, de Resende. Meu irmão foi buscar, mas não pode atravessar o rio, porque estava cheio. No dia seguinte, à tarde, quando o médico chegou, não dava para fazer mais nada. Era problema de bexiga e, naquela época, não havia outro recurso".

Ela foi, muitas vezes, a pé até Resende, em uma caminhada de 7 a 8 horas, descendo pelos atalhos. A estrada era ruim e não tinha condução. "Quando somos jovens, tudo é mais fácil. Mas, não quero me lembrar deste tempo. O passado, para mim, não existe mesmo".

Segredo da juventude

Por ter um constante e bom relacionamento com os jovens, Tia Sofia disse que não envelhece. "Estou sempre no meio da juventude. Como minha pousada é muito simples e não cobra caro, toda a juventude vem para cá. Por isto, eu não fico velha; de espírito, não."

— Quando este jornal chegar, continuam, todo mundo vai ler e falar: "Hum! Aquela velha tem 72 anos?" Muita gente me pergunta se tenho 80 anos. Isto não importa. Se tivesse, estaria feliz do mesmo jeito, porque teria chegado aos 80 com esta energia que tenho. Se chegar nesta idade estarei feliz.

Progresso é favorável

Uma das moradoras mais antigas de Visconde de Mauá, Tia Sofia não se preocupa com o progresso. "Acho que é bom para a região, apesar de ter gente que não está vendo isto com bons olhos. Tem gente que é contra, mas, o progresso é bom, porque dá para todo mundo viver melhor".

— Tem lugares por aí que as pessoas vivem com dificuldades, ganhando misérias que não dá para sobreviver. No entanto, aqui, qualquer traba-

gar pela Telemig, porque do estado de Rio de Janeiro, estamos cansados de esperar".

Conselhos

Para a juventude da terra, seu conselho é para eles trabalharem, fazerem alguma coisa de útil na vida. "A nossa juventude acabou, acabou mesmo. Agora, não vamos culpar o progresso por isto. Esta meninada da terra, ao ver o turista de férias, passeando com roupa boa, acha que a pessoa é rica, que tem tudo e ela não tem nada. Querem ter a vida do turista em férias. Mas eles não vêem

Tia Sofia, filha de Bühler, da Bavária, e de de Stuttgart, disse que a verdade de perguntar aos foi isto ou aquilo. "Não, na nossa família nem nasce, os filhos perguntam: eu tinha quando vocês casaram".

Neste ponto, ela acha mudou muito. "A religião pais era mais severa. At respondêsemos para a mãe o pai: era castigo certo". Diferença entre as famílias alemães, ela respondeu do igual. "Nós éramos p também".



Oscar e Sofia no dia do seu casamento





As Estórias de Sofia

Uscando de Mami perdeu parte de sua infância com o falecimento de Sofia Böhler, mais conhecida como tia Sofia.

Para conseguir gravar seu depoimento sobre os primeiros tempos da colonização alemã de Minas, no início do século, foi preciso um "pistoleio" de sua sobrinha Vera Böhler, já que Sofia era avessa a jornalistas e entrevistas.

Ao contrário das pessoas que, em geral, "distorcem a história" e romantizam o passado Sofia foi bastante clara, irreverente e sem papas na língua, como era seu feitio, foi logo declarando: "Não me lembro de nada bom na minha infância e nem depois do trabalho".

Seus pais, Christoph e Anne Marie Böhler, vieram de Barzema, na Alemanha, em 1913, véspera da Primeira Guerra Mundial, com três filhos pequenos: Roberto, Willy e Maria (irmãs de Sofia). "Eu já nasci aqui. Logo que eles chegaram foram para um barraco de sapé na Maracumbá. Só depois mudaram para Marzagó. O grande problema foi que meu pai não entendia nada de lavoura. Ele era mecânico e ferreiro, fazia foice, enxada, fuzadeta. Quando os outros alemães resolveram voltar não sou por não quis e sempre dizia que a dificuldade seria não ter nada para se trabalhar. Então, ele acabou com toda a pobreza e miséria que passaram aqui no tempo. As vezes, não tinha o que comer e minha mãe cozinhava pinhão com sal e isso era a refeição. Ninguém nunca criava gado em Minas quando meu pai chegou. Depois ele começou a plantar milho, feijão, batata para vender em Resende mas era muito difícil levar em carro de boi ou a cavalo. A viagem levava três



Da esquerda para Willy, Maria, Ota, Sofia e Roberto. No centro, Anne Marie Böhler

dias, com parada na Capelinha para descansar e dormir.

Em 1922 a Escola Alemã do Rio de Janeiro mandou os primeiros hóspedes que recebemos na nossa casa mesmo. A gente tinha que ir dormir no paiol e dava nossos quartos para os alemães que vinham de Resende a cavalo, com as crianças nos bolsos com travessetas. As crianças tinham que se postar quando chegavam e quando iam embora, para ver quanto ganhavam de peso.

Os hóspedes alemães eram muito exigentes, tinham muita de limpeza e a gente vivia esfregando o chão. Maria, minha irmã, é quem gostava de convencer com os hóspedes. Eu preferia ficar na cozinha. Servir a mesa para mim já era um aborrecimento. Eu gostava era de criação, de tirar leite, andar a cavalo, ir buscar

queijo na fábrica. Eu fui para a escola mas só aprendi a ler e escrever. O resto aprendi com os hóspedes mesmo. Eles ficavam de dois a três meses em Minas e a Escola alemã mandava toda a orientação da alimentação, sabiam o nada.

Não tinha luz, era tudo com lamparina. Não lavávamos, arrumávamos os quartos, fazíamos de tudo à sós e tinhamos que cuidar da horta. Em 1933, quando ficaram outra casa, é que o Schubert, também alemão, mas que não vivia em Minas, construiu a primeira casa de luz.

Com 32 anos eu me casei com gente da terra, o Oscar. Foi incrível que por aí, ninguém ensina dentro da colônia alemã. O Roberto, meu irmão, também casou com uma mineira, a Helena, que deu um duro louco naqueles tempos. Se não fosse ela não tinha nada dessa hora de hoje

não. Meu marido trabalhava no caminhão, com o Roberto. Mas eles não eram donos do caminhão, só motoristas. Traziam as mercadorias para se vender de Minas. Só em 1945 é que o Roberto teve a parça que fazia o mesmo que o doutor faz hoje. Tinha holerio e tudo. Com a morte do meu pai, Roberto, que era o filho mais velho, é que resolvei tudo. Era o "chefê", como chamavam ele. Quando tinha que consertar a estrada ele juntava o pessoal e fazia um transtorno. Até os filhos do Roberto se acostumaram a chamar o pai de "chefê".

Diversão só tinha a missa - duas ou três vezes por ano, ou runs do torço em casa. Antes, em Minas, era só pasto e cana, tinha leite. Tinham muitos pinheiros. Aí veio a fábrica de tanques e depois a do papel e derrubaram tudo. Era um pessoal que veio de fora, os capangas e transporta da madeira. O pessoal do leite não gostava dos pinheiros porque diziam que tirava a força do torço. Depois foram vendendo tudo em lotes que muitos hóspedes compraram para fazer casa. Os fazendeiros começaram a fazer casa na cidade, em Resende. E aí o leite acabou.

Hoje é melhor para todos nós porque tem mais conforto, mas não é mais a mesma coisa. Agora não se tem mais sossego, é barulho a toda hora, gente batendo, tem quarto para alugar? (Sofia refere-se à pequena possida que tinha em sua casa).

"Falava em colocar meu nome nesta rua. Não faltava mais nada... Um lugar onde os cavalos sejam tudo, essa é a rua que veio colocar meu nome? Devia é se chamar Rua da Bosta".

Assim era a "tia Sofia" e acho que é assim que ela gostaria de ser lembrada.

